

Dons e Ministérios
uma nova maneira de ser Igreja

© Igreja Evangélica Metodista Portuguesa
Praça Coronel Pacheco, 23
4050-453 PORTO
Tel. 22 200 7410
www.igreja-metodista.pt

Capa:

Eduardo Conde

Execução Gráfica:

Tipave - Industrias Gráficas de Aveiro, Lda.

Tiragem:

500 exemplares

Apresentação

Estamos envolvidos em visíveis, concretas e radicais transformações na vida social, política, económica e religiosa. Esta perspectiva é preocupante, levando-nos às seguintes interrogações:

- Que tipo de Igreja ou que forma de comunidade eclesial estamos a desenvolver no sentido de fazer face às mudanças que acontecem e se anunciam?
- Daremos continuidade a esta forma de Igreja institucional que coloca em segundo plano a Igreja, enquanto comunidade de Deus em missão?
- Seguiremos nesta mesma linha de uma Igreja centralizada, voltada para si própria, prezando, a sua forma denominacional e pouco direccionada para a comunidade ao redor e para o mundo?

O Conselho Presbiteral, sensível ao sopro do Espírito Santo, preocupa-se em preparar a Igreja Evangélica Metodista, a fim de que ela possa, na sua peregrinação profética e missionária, fazer face à tentação de estagnar. Uma Igreja estagnada perde a noção da missão e, por isso mesmo, perde de vista a sua razão de ser. A Igreja em toda a sua realidade, só existe de facto no acto da missão. Pode parecer fácil e até mesmo inútil fazer uma pausa para considerar o momento da Igreja, reflectindo sobre a sua caminhada e assinalando os seus riscos e oportunidades, acertos e equívocos. Contudo só um reconhecimento preciso e crítico dará condições para chegarmos a um diagnóstico da situação de "crise" em que vivemos. Esta crise é irreversível, mas anuncia condições novas e surpreendentes que precisam de ser adaptadas a um novo estilo de vida, pois, de contrário, incomodam-nos.

O Espírito Santo, através do seu sopro purificador, está a revelar o caminho para superar o momento de incertezas e vencer os novos desafios. O projecto está diante de todos: "DONS E MINISTÉRIOS – uma nova maneira de ser Igreja".

O processo de estabelecimento desta nova dinâmica de dons e ministérios levará o seu tempo de aprendizagem. Contudo, este desenvolvimento contínuo abre espaços para um processo de crescimento maduro e à prática consciente de uma espiritualidade comprometida.

O Conselho Presbiteral espera que este material seja útil para toda a comunidade metodista portuguesa. Ele apresenta um grande desafio para as nossas igrejas, pastores(as) e leigos(as), devendo ser aproveitado para estudos e reflexões, junto ao grupo das nossas congregações locais, departamento e federação.

“Dons e Ministérios – uma nova maneira de ser Igreja”, como projecto da Igreja, aprovado em Sínodo, está nas suas mãos. É mais uma contribuição do Conselho Presbiteral, no sentido de aprovisionar a Igreja Evangélica Metodista, despertando-a para a realidade do momento actual e, assim, realizar a missão divina de um modo mais afectivo e efectivo.

Introdução

Israel em constante renovação

O povo de Israel, na sua caminhada, passou por diversas etapas: os patriarcas, o deserto, a peregrinação das tribos, a dimensão de nacionalidade e de comunidade religiosa, o exílio e a diáspora. Uma análise destes estágios mostra que, em cada um deles, se desenvolveu uma realização diferente, dentro da mesma dimensão fundamental. Ou seja, mantendo a fé em Deus e a noção de povo eleito, Israel soube adaptar-se às novas realidades, recusando conformar-se com as contingências de cada momento.

Percebe-se ainda que, em cada uma daquelas etapas, desenvolveu-se um período de formação, de amadurecimento ou destruição, porém, cada fase deixava um saldo: o povo tornava-se mais paciente, mais particular ou específico, mais puro, mais idêntico com a sua vocação e mais livre de elementos alheios. Esta peregrinação das tribos do povo de Israel não foi um plano que partiu dele mesmo. E, por isso, levantaram-se resistências a todas as transformações que surgiam. Houve perseguições aos líderes e profetas que anunciavam renovação e mudança, pois o povo recusava ver outras realidades, para além daquelas que tinha em mente. Na verdade, Deus manifestava-se de uma forma imperativa, sugerindo que abandonassem o passado e se desprendessem de todas as realidades que os impediam de aceitar transformações e mudanças na sua caminhada.

A transformação radical do cristianismo

Com o evento do cristianismo, a mensagem do Evangelho promoveu uma total transformação histórica, dando novo sentido às diversas etapas da jornada do povo de Deus. Antes de Jesus Cristo, a Palavra de Deus era uma constante na vida daquele povo, referindo-se a ele mesmo. Agora, porém, no Novo Testamento, o processo desenvolve-se em condições diferentes, porque a Palavra de Deus já não é simplesmente

comunicada aos mesmos ouvintes (povo de Israel); cada novo estágio coincide com a saída do Evangelho ao encontro do mundo, estabelecendo novas igrejas e novos grupos de cristãos, entre os não crentes, numa dimensão de verdadeira e autêntica renovação espiritual. Cada nova fase representa uma nova etapa da missão, e a sucessão dos estágios promove a missão e a efusão do Espírito Santo.

O texto dos Actos dos Apóstolos mostra-nos como o Espírito Santo agia, abrindo espaços para a Igreja nascente na sua acção profética e missionária. Uma leitura atenta de Actos 1:8 e 8:1 coloca-nos a par de um grande contraste. No primeiro texto, encontramos a orientação expansionista programada pelo próprio Jesus Cristo: *“Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra.”* (Actos 1:8). Porém este imperativo só se tornou possível no momento da diáspora, uma nova etapa dos homens e das mulheres de fé: *“Naquele dia levantou-se uma grande perseguição contra a Igreja em Jerusalém; e, todos, excepto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judeia e Samaria.”*

Será oportuno perceber que os sete primeiros capítulos de Actos referem-se, especialmente, à Igreja de Jerusalém. Eles focam aspectos iniciais de uma Igreja que nasceu no Pentecostes. Actos 8:1 dá início a uma nova unidade que vai até 13:1, onde o realce é a Dispersão da Igreja. A comunidade que foi constituída em Jerusalém foi dispersa; *“e todos, excepto os apóstolos, foram dispersos”*. Sem dúvida alguma, a Igreja saiu de si mesma. Dizem que a águia, a certa altura da criação dos seus filhotes, desmancha o seu ninho. Procede desta forma quando eles estão prontos para aprender a voar, a fim de que não fiquem apegados ao ninho, pois, se assim o fizerem, nunca aprenderão a voar. A Igreja de Jerusalém foi sacudida pela perseguição, dando lugar à grande dispersão. Ela era uma Igreja estática, mas, com a perseguição, dá início a uma nova fase da missão. A águia começou a desfazer o seu ninho.

A dispersão seguiu por diversos caminhos, em missão: Filipe desceu, indo para Samaria anunciar o Evangelho (Actos 8:4-8); depois, o mesmo Filipe dirigiu-se para Gaza, com o mesmo propósito (Actos 8:26-40); no caminho de Damasco, Ananias vai ao encontro de Paulo (Actos 9:10-19); mais adiante, no caminho de Lida, Pedro realiza prodígios com a ressurreição de Dorcas (Actos 9:36-43) e, logo depois, Barnabé realiza a sua fantástica viagem missionária, procurando encontrar-se com Paulo, com quem trabalhou algum tempo, em Antioquia (Actos 11:22-26).

No capítulo 13, inicia-se uma nova fase, com a primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé. Os primeiros versículos do capítulo 13 são típicos de uma separação missionária, sob os auspícios do Espírito Santo. Poder-se-ia ir um pouco mais longe nestas considerações, contudo, estas são suficientes para mostrar a dinâmica da Igreja, ao longo de várias etapas, saindo de si mesma em busca da missão.

O tradicionalismo das Igrejas hoje

Ao observar o panorama da comunidade eclesial actual, pode concluir-se que as Igrejas rigidamente tradicionais são, por sua própria natureza, débeis e fracas na sua missão e nas suas forças de renovação espiritual. Para superar o impasse desta incapacidade e debilidade, para ganhar novo alento e entusiasmo, a fim de se movimentar e de se renovar, é necessário desenvolver uma nova compreensão de Jesus Cristo e do seu ministério dinâmico voltado para o povo; é preciso abertura para uma nova e real efusão do Espírito Santo.

É perfeitamente compreensível que a missão não se desenvolva no sentido da extensão progressiva e de acordo com o núcleo inicial. A cristandade, na sua jornada histórica, caminha, cresce, avança e desenvolve-se, chegando, porém, um momento em que a própria Igreja se mostra incapaz de superar e vencer as fronteiras da sua caminhada. Esta incapacidade não significa ausência de recursos, como,

muitas vezes, se alega. Mas esta inabilidade da Igreja resulta da sua permanência no passado, atada e amarrada ao conservadorismo. E, assim, tolhida pelo jugo da sua estrutura, não encontra espaços disponíveis para entrar em estreito contacto com os homens e mulheres que escapam aos limites da sua acção.

Nestas condições, somente uma autêntica abertura de espaços mais amplos, ao sopro do Espírito Santo, poderá restaurar as suas forças e capacidades, a fim de vencer as barreiras e caminhar ao encontro da missão. Sem dúvida, o Espírito Santo continua a velar, dia após dia, sobre a sua Igreja, pois ela é o seu habitat natural. Mas a manifestação do seu poder e da sua graça só se farão sentir, de um modo imediato, quando encontrar espaços humanos sensíveis e abertos ao sopro da sua acção. Esta acção provocará um dinamismo direccionado para além das fronteiras da comunidade eclesial, criando boas condições para uma nova espiritualidade.

A partir desta nova espiritualidade, novos grupos se organizam e novas igrejas surgem. A missão ganha novas dimensões em função destes novos grupos e, ao mesmo tempo, tal como a acção do fermento a levedar toda a massa, processa-se a transformação e a renovação total da comunidade eclesial. Esta é uma lição preciosa que a Igreja, hoje, precisa de aprender, à vista das realidades dos eventos actuais. Ela atinge o auge do seu estatismo, quando tudo parece estar emperrado na sua missão; o estaticismo, a indiferença e o comodismo tornam-se características comuns do seu estilo de vida; o seu crescimento é fraco, fazendo-se na mesma dimensão biológica da do povo de Israel e, assim mesmo, num sentido bem restrito, porque os seus próprios filhos não têm sido alcançados, de um modo geral; movimentos de reavivamento são articulados, mas, na maioria das vezes caem no vazio, justamente porque não existem condições para superar as estruturas além dos níveis já atingidos.

Porém, a situação poderá mudar:

- quando se desenvolver uma nova compreensão de Jesus Cristo e do seu ministério orientado para o povo e se abrir espaços a uma nova efusão do Espírito Santo;
- quando a Igreja sair de si mesma, sacudindo os adereços da sua estrutura, derrubando as grades do templo que agrilhoam os agentes da missão;
- quando se tornar consciente de que lá fora, nos becos e vielas, nas praças e na periferia, no movimento urbano ou na frescura da zona rural, está a tarefa, o serviço e a missão.

Os novos grupos que vão sendo criados além das fronteiras da comunidade eclesial iniciam a sua caminhada em termos de um Evangelho mais legítimo e mais simples. Desvencilham-se do complexo amontoado que a comunidade eclesial acumulou no decorrer do tempo e partem para uma vivência evangélica mais autêntica.

O caminho da Igreja Evangélica Metodista

A Igreja Evangélica Metodista, como ramo da Igreja cristã universal, batalha e procura ser fiel ao cumprimento da sua missão. Nesta luta, os seus espaços vão se alargando ao sopro do Espírito Santo. Ele, na sua acção, poder e graça, quebranta indisposições, liberta e desperta os seus membros para uma nova caminhada mais vibrante e entusiasta, na jornada da missão. A acção do Espírito Santo sacode os laços da sua estrutura tradicional, comum a uma igreja centrada no clericalismo. Ela vai-se libertando em direcção a uma Igreja de serviço, onde tudo se move à mercê dos dons e ministérios distribuídos pelo Espírito Santo (I Co 12:1-11; Ef 4:7-8).

Assim a Igreja Evangélica Metodista, pela graça de Deus, assume, claramente, a dinâmica dos dons e ministérios. Esta é a forma ideal de comunidade para o tempo presente. O desenvolvimento de uma Igreja de Dons e Ministérios não significa a exclusão do(a) pastor(a), pois ele(a) é parte natural do corpo de Jesus Cristo e é, também, um dom dado pelo Espírito divino, para o serviço da missão na comunidade local (Ef 4:11-12). Cada congregação local precisa de uma

orientação segura. Esta poderá muito bem ser desenvolvida pelo(a) pastor(a) e porque não dizer que a coordenação do povo de Deus é um dom indispensável na caminhada missionária e profética da Igreja.

A nova orientação da Igreja Evangélica Metodista, em termos de uma Igreja de Dons e Ministérios, passa, penosamente, pelo caminho estreito. Mas é pelo caminho estreito que se alcança o sublime e o elevado. Esta nova jornada depende de muito amor, oração, jejum, renúncia, humildade e fé, pois se levantarão muitos “espantalhos” diante deste novo projecto de acção. Mas o Espírito Santo está a velar sobre ela.

Inspirado pelo Espírito Santo, diante do grande desafio missionário entre os gentios, o apóstolo Paulo dirigiu-se aos irmãos em Éfeso, em oração, sugerindo-lhes que se comportassem com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, que se suportassem uns aos outros, em amor, esforço e diligência, a fim de preservarem o vínculo da paz (Ef 4:1-6).

A Igreja Evangélica Metodista assumiu o projecto dos dons e ministérios, que é uma característica básica de uma comunidade de serviço. Não se quer sugerir com esta afirmação que antes ela não levasse em conta os dons espirituais. Na sua dinâmica de acção, os dons e ministérios sempre foram uma realidade. E não poderia ser diferente, já que os dons e os ministérios constituem uma verdade bíblica inquestionável.

Estes, enquanto instrumentos de trabalho, encontram francos espaços para a sua acção profética e missionária, envolvendo todo o povo de Deus na organização de uma Igreja de Serviço. Esta é, sem dúvida, a forma eclesial credenciada para o nosso tempo.

O propósito da Igreja neste novo desafio

Mateus 5:13-16

Romanos 2:17-24

Mateus 25:31-46

1 João 4:7-21

Tiago 1:19-27

Efésios 2:1-10; 4:1-6

Introdução

As palavras de Jesus são bem conhecidas. E, talvez por isso, tenhamos a tendência para minimizar o sentido daquilo que é proclamado, dando interpretações que, muitas vezes, distorcem o texto.

Ao falar de sal, luz e testemunho, o Mestre está a abordar temas extremamente importantes para a Igreja, não só daquele tempo, mas principalmente, dos dias de hoje, quando presenciamos a forma como a vida cristã é encarada de ânimo leve, com o consequente esvaziamento do sentido que a Bíblia deve ter, bem como da nossa responsabilidade perante o mundo no qual estamos inseridos. A nossa condição, como instrumentos de Deus, é dignificá-lo ajudando a construir o seu Reino.

Como tornar isso viável?

A essência da missão

“Vós sois o sal da terra...”

Porque será que Jesus usou esta figura para exemplificar os discípulos?

O sal, para ser obtido, deve passar pela evaporação da água. No entanto, para a realização dos seus propósitos, precisa de ser novamente dissolvido em água... A sua condição é a de elemento ambivalente, servindo tanto para

conservar como para corroer; o porta-voz de Cristo é portador de força e sabor, mas também de protecção da corrosão; ele é o símbolo de incorruptibilidade: as alianças do Antigo Testamento são chamadas de *"Alianças de Sal"*; entre os orientais, comer com alguém sal e pão significa estabelecer uma amizade indestrutível.

A afirmação de Jesus é séria: *"Vós sois..."* Ele fala de essência, de ser. Só pode salgar, aquele que possui essa propriedade. Ser sal significa fazer a diferença. Será que a Igreja hoje faz a diferença?

Temos que ter sempre presente que a razão de ser da Igreja está no facto de ela ser vocacionada para a missão. São prioritárias as acções que promovem a vida nova em Cristo, a justiça, a paz e o bem-estar das pessoas e da sociedade em geral. Vale a pena meditar na afirmação do Apóstolo Paulo: *"...se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo"*.

A eficácia no cumprimento da missão

"Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder... nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire".

Ser luz! O problema apresentado não se resume a ser. A expressão *"...debaixo do alqueire..."*, sugere-nos que não é possível iluminar se a lâmpada não estiver no lugar adequado; não basta produzir uma boa luminosidade, é preciso que ela seja sabiamente utilizada. A expressão ensina-nos que a igreja foi autorizada, capacitada para a Missão. Colocar esse potencial no serviço ao outro é, de uma forma prática, comprometer-se com a luz, pois esta significa vida, pureza, salvação, felicidade. A questão que se coloca aqui é que o Corpo de Cristo, que é a Igreja, precisa de estar presente onde existe negação da vida, da felicidade, do respeito, do amor, da solidariedade. Não basta ser a favor da presença de Cristo no mundo, é preciso agir para tornar real essa presença. O modo de ser igreja, como caminho para o cumprimento da Missão, é exercido pela prática, e a dinâmica, dos dons e ministérios. Isso significa que o Senhor não só

nos transformou dando-nos um novo ser, como nos capacitou para a instauração de uma Nova Ordem. Onde temos colocado a nossa lâmpada?

Solidez e coerência no cumprimento da missão

“Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”.

O sal faz-nos pensar na essência, no ser. A luz, remete-nos para a prática, remete-nos a estar presentes. Este versículo faz-nos reflectir no sentido da constância, da confiança, da durabilidade, do compromisso. Não basta ser, se isso se reflecte apenas no discurso, é preciso estar. Porém, não ocasionalmente, nem de forma dúbia. O texto chama-nos a atenção para o facto de que a missão não é ocasional; ela, para ser eficaz, precisa de exercício constante e coerente: *“Pelos frutos conhecereis a árvore...”*. O apóstolo Paulo escreve: *“Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro do Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados”*. A vocação da Igreja é a de ser coadjutora de Deus na construção do Reino. Nenhuma construção se conclui, se não houver investimento, fidelidade ao projecto e séria constância, e, também, material adequado e coerente com a sua função e objectivo. Por outras palavras, é preciso compromisso. O texto encerra uma crítica muito séria, pois coloca a igreja como referência na medição da própria condição da divindade: *“glorifiquem o Pai...”* O lugar para agir missionariamente, a partir da igreja local, é a aldeia, a vila, a cidade, a nação ou o mundo, privilegiando todos os que sofrem múltiplas formas de opressão”. Definindo de forma mais clara a exigência da missão: é preciso coerência e compromisso!

Conclusão

É preciso reflectir: O que somos? Qual é a nossa identidade? Onde está a nossa tradição? Será que ser cristão é viver uma religiosidade somente ritual, preocupada e fundamentada em usos e costumes que se modificam com o evoluir da sociedade? Por outro lado, onde temos colocado a "lâmpada"? Os presídios, os bairros degradados, os prostíbulos, as ruelas e os becos da sociedade, têm recebido a Luz através da nossa "lâmparina"? A prática da igreja, quando existente, é constante, duradoura, positiva e coerente com a Missão? Os dias de hoje mostram-nos uma igreja mais preocupada com manifestações e expressões emotivas, sendo inconstante e titubeante no exercício da sua Missão. O nosso modo de ser Igreja provoca a glorificação do Pai? Não deixa de incomodar uma frase do Apóstolo Paulo: *"Pois, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa"*. A Igreja foi transformada em *"...nova criatura..."*. O ser "nova criatura" exige uma nova prática, uma presença eficaz e constante, coerente e comprometida. Deste modo, a Igreja torna-se o Corpo de Cristo, onde é necessário estar, sempre presente, constante e digna de toda a confiança!

Questões para reflectir

1. Como avalia os programas de Evangelização realizados através dos meios de Comunicação?
2. Faça uma avaliação da actuação da sua igreja local, diante dos desafios que a realidade do Reino de Deus apresenta.
3. Como entende a expressão: "Dons e Ministérios: uma nova maneira de ser Igreja".

Nossa afirmação de fé e diretrizes fundamentais

Hebreus 11:1-7
Gêneses 22:1-19
Êxodo 14:15-31
2 Reis 5:1-19
Mateus 6:25-34
Lucas 17:11-19
João 6:1-15

Introdução

O nosso tempo tem-se caracterizado pelo avanço do progresso. No entanto, apesar da ênfase dada à razão, cada vez mais o ser humano se descobre carente de Deus. A Igreja, como instrumento de propagação da mensagem de Jesus Cristo e da sua Missão, não pode prescindir da fé, sob pena de perder a sua razão de ser. A fé vem sendo compreendida, através dos tempos, pela Igreja, como a capacidade de crer no poder realizador de Deus, daquilo que está para além do ser humano, e também como inspiradora de crenças, afirmações e princípios, assim como de um corpo de doutrinas.

A Epístola ao Hebreus brinda-nos com um dos capítulos mais importantes da Bíblia, quando, ao definir a fé, nos apresenta homens e mulheres que, ao crerem no poder de Deus, foram capazes de uma visão de futuro tornando-se canais do poder divino, experimentando realidades fantásticas e poderosas que contribuíram para o crescimento da Igreja. Sobretudo, vemo-los profundamente comprometidos com a realidade do Reino. Os heróis do passado compreenderam a fé como o elemento essencial para a concretização do Reino de Deus. Por quê?

Importância da fé no projecto do reino

“Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de factos que não se vêem”.

Duas palavras são importantes neste versículo: esperança e visão. A fé está impregnada destas expressões, pois sem esperança não é possível existir, quanto mais realizar alguma coisa. Esperar é ter o desejo sempre renovado. É não se deixar levar pelo derrotismo, provocado por uma realidade muitas vezes adversa o qual pode produzir desânimo e estagnação. A esperança mantém vivo o projecto do Reino, renovado através da visão de um tempo onde não haja mais dor, doenças, injustiças, opressões, indignidade e morte.

A esperança vai-nos criando as condições para vermos para além da realidade presente. Muito significativa é a expressão de Eliseu em relação ao seu servo Geasi: *“Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para que veja...”* (II Reis 6:17). A Igreja, pela fé, tem sempre a certeza de que as promessas de Deus se realizarão. De posse disso, vê o futuro como certo e, alimentada por essa visão dos *“campos brancos para a ceifa”*, envolve-se convictamente no projecto do Reino. Temos esta certeza que: cremos no Reino de Deus, conforme vivido e anunciado por Jesus Cristo e cremos que, ainda que sinalizado no presente, caminhamos para a sua concretização e vitória; por isso oramos *“venha o teu reino, Senhor!”*.

A fé no poder de Deus

“Pela fé entendemos que foi o universo formado pela Palavra de Deus...”

É evidente a importância da Palavra, pois diz o Texto Sagrado: *“Disse Deus: Haja luz; e houve luz”*. É significativo que o Antigo Testamento se inicie com o tema da palavra criadora. A grande verdade não está somente em que o Senhor criou todas as coisas; mas que o fez através da Palavra: a energia dando origem à matéria... Esse facto demonstra que não é possível experimentar o real sem que este seja

previamente imaginado e formado por esta energia. A fé é o instrumento que possibilita o irromper do poder realizador de Deus. A Igreja não pode cumprir a sua missão sem o poder divino, expresso na Trindade. Nós cremos que a Igreja é chamada por Deus para ser uma comunidade missionária ao serviço das pessoas. Ora, a missão da Igreja não se faz sem a concorrência do poder do Espírito Santo, fonte da vida da comunidade de Cristo. Os heróis da fé, chamados como testemunhas no texto de Hebreus, ensinam-nos que somente puderam compreender a vontade de Deus quando creram na força criadora, na justiça e na salvação, cultivando, por meio da fé, uma comunhão revitalizadora com o Pai. Eles mostram-nos que o segredo do poder de Deus é deixar-se ser, docilmente, um canal vivo da vontade do Pai.

A harmonia entre criatura e criador

"De facto, sem fé é impossível agradar a Deus..."

Os homens do passado, que viveram experiências fantásticas com Deus, tinham uma qualidade que hoje, como Igreja, muitas vezes nos falta: criam, mesmo contra a realidade presente. Crer não é somente acreditar, mas experimentar essencialmente a verdade de que nada existe de facto sem a força do Espírito. Agradar a Deus passa por um sentimento de total confiança no seu poder e na sua bondade; significa exercitar-se cada vez mais na mudança de princípio, e de vida; implica estar convicto de que *"tudo posso naquele que me fortalece"*. Quando nos entregamos nas mãos eficazes de Deus e nele confiamos, a realidade transforma-se e nós aproximamo-nos dele, beneficiamos da sua transcendência, conforto e protecção. Não é a razão e o intelecto, essencialmente, que nos aproximam de Deus e nos abrem o coração à sua presença, mas uma entrega firme e constante, sempre renovada, de nós mesmos, a qual permite a sua acção em nós, conformando-nos cada vez mais à sua *"imagem e semelhança"*.

A expressão de Hebreus pode-nos igualmente lembrar da do profeta Habacuque que nos chama a atenção para o facto de que *“o justo viverá pela sua fé”*, deixando claro que se formos coerentes seremos aceites pelo Criador na nova realidade de *“eleitos de Deus, santos e amados, de termos afectos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade”* (Cl 3:12).

Conclusão

Construir o Reino juntamente com Deus exige da igreja a compreensão de que a fé é um elemento essencial para concretizar a esperança, pois ela alimenta este projecto através do sonho e da visão do futuro; a fé liberta o poder criador de Deus, sem o qual a Igreja não pode *“acabar por vencer, para vencer”*, correndo o risco de tornar-se numa mera instituição destituída de vida e sentido; a fé harmoniza o homem com o seu Criador, na medida em que nos possibilita desenvolver uma espiritualidade coerente e eficaz, quer individual quer colectivamente.

Questões para reflectir

1. Como entende a presença dos Dons na Igreja, hoje? Estabeleça uma relação com os Ministérios decorrentes dos mesmos.
2. O que sabe da actuação da Igreja e do seu empenhamento nos desafios que se apresentam ao nosso país nos dias que correm?

A missão exemplificada por meio de parábolas

Marcos 4:1-9, 21-25

Marcos 4:26-29, 30-34

Marcos 10:35-45

Mateus 21:18-32

Mateus 18:1-9

Introdução

Os Evangelhos mostram-nos que Jesus ensinou por parábolas. O método do nosso Mestre visava despertar nos ouvintes o desejo de saber mais, de conhecer o que estava por detrás de palavras sábias e inteligentes, mas que não revelavam o seu conteúdo a um qualquer ouvinte que apenas desejasse conhecer máximas ou ditos interessantes. O objectivo de Jesus era falar ao coração, despertar o homem e a mulher para a realidade da vida com Deus, para a necessidade de uma aprendizagem eficaz tendo em vista uma vida frutífera e plena. Falar por parábolas, portanto, é despertar internamente cada ser que *"...tem ouvidos para ouvir..."*. A parábola do semeador leva-nos a meditar na Missão da Igreja, tornando-se um exemplo claro da realidade do anúncio do Evangelho. Usando então o texto bíblico, como deve a Igreja disseminar o Evangelho para realizar a vontade de Deus?

Reflectindo sobre a qualidade da semente

"...deu fruto que vingou e cresceu..."

O autor do texto diz-nos que a semente era de boa qualidade. A parábola deixa claro que a mesma semente foi lançada, e que ela germinou em todas as situações menos numa, e, ainda assim, alimentou as aves! Sem sombra de dúvida, era semente de boa qualidade.

É interessante meditar nessa realidade, pois isso leva-nos a reflectir na qualidade da semente que a Igreja espalha, hoje em dia. O Evangelho é sempre bom, e a *"palavra nunca volta atrás vazia"*. No entanto, assim como a genética, em nome da produtividade, pode alterar as características básicas de uma planta, a Igreja pode, no afã de responder às necessidades do homem moderno, perder a essência do Evangelho, modificando-o a fim de adequá-lo, ocasionando uma possível perda dessa mesma essência e, conseqüentemente, da sua eficácia. Existe uma advertência, sempre muito oportuna: *"Ora, como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele, nele radicados e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em acções de graça"*.

Reflectindo sobre a variedade dos terrenos

"...uma parte caiu à beira do caminho...outra...em solo rochoso...outra...entre os espinhos...outras, enfim...em boa terra...".

O terreno é variável.

Ele pode ser pisado constantemente por pés humanos; sulcados pelas rodas dos carros; sacudido pelas patas dos cavalos. Ocasionalmente, serve de depósito de alimento das aves, animais e mendigos... terreno impessoal e incapaz de reter qualquer coisa, dada a variedade de informações recebidas; nele é difícil uma semente germinar!

Outro é de fácil penetração, porém, de pouca profundidade por causa das pedras no subsolo. Ele recebe avidamente a água e as sementes, é aparentemente fofo e convidativo, no entanto é pouco profundo e nele as raízes não subsistem; o sol mantém-no sempre limpo de plantas, pois estas nascem prematuramente e logo são queimadas!

O outro é fértil, mas tem dono! Nada que caia ali pode aguentar o poder sufocante dos espinheiros, que reinam absolutos, sem permitir qualquer espaço para uma possível

frutificação. Em solo assim, dominado pelo poder, podem nascer plantas mas serão, antes de florescer e frutificar, sufocadas e extintas! Não recebem ar, luz ou água suficientes...

A última é boa terra. Não está disponível para ser pisada por qualquer um, não é pouco profunda nem pedregosa, estando bem preparada para receber as sementes. Não tem "donos" que sufoquem qualquer planta e possui muitos nutrientes, de tal forma que a planta nasce no tempo certo, cresce e frutifica sobejamente, produzindo riqueza e felicidade!

Há aqui uma advertência: É necessário que a Igreja se consciencialize de que a sua espiritualidade deve ser uma expressão, acima de tudo, do seu prazer em estudar e de se instruir na Palavra. Sem essa instrução, a espiritualidade da Igreja corre o risco de tornar-se uma fuga da sua real missão e, assim, perder a sua força crítica e transformadora.

Reflectindo sobre o carácter do semeador

"Ouvi: Eis que saiu o semeador a semear".

A realidade dos Dons e Ministério na Igreja Evangélica Metodista dá razão à afirmação de Martinho Lutero de que todos somos sacerdotes. A palavra do Reformador do Século XVI recorda o ensino bíblico o qual declara que somos chamados, capacitados e enviados para servir. Nesse sentido, podemos considerar-nos semeadores.

O semeador da parábola ensina-nos algumas verdades que, ausentes da Igreja, dificultam a sua Missão de construir o Reino.

O semeador é incansável na sua actividade. Ele não considera nenhum terreno demasiado ruim para ser utilizado; os elementos da natureza não o intimidam, quer sejam as aves, as pedras ou o sol; não é avarento nem mesquinho no

uso das sementes, utilizando-as com abundância; não se deixa desanimar pelos equívocos cometidos ou a falta de retorno do investimento; é paciente no retorno, colhendo menos no primeiro, mais no segundo e, abundantemente no terceiro caso. “Se desejas receber, primeiro deves dar bastante”.

Conclusão

Ser igreja comprometida com o Reino é: não permitir que a semente sofra mutações que lhe modifiquem a essência e prejudiquem a sua produtividade; reflectir sempre sobre os tipos de terreno onde ela é lançada; procurar não se intimidar com os obstáculos a enfrentar semeando, sem nenhuma parcimónia, a boa semente pois *“...nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo; tanto nos que são salvos, como nos que se perdem. Para estes, cheiro de morte para morte; para aqueles, aroma de vida para a vida”*. Necessário é semear sempre, com disposição, sabedoria e sensibilidade, para que a Palavra possa fazer o Reino de Deus acontecer!

Questões para reflectir

1. Analise a actuação da sua igreja, as necessidades observadas no seu contexto e os métodos que são utilizados na Missão. São satisfatórios?
2. Na sua Comunidade, o programa Dons e Ministérios vem sendo exercido concretamente, como uma forma de construir o Reino?
3. Qual a importância que ocupam a Bíblia e o seu ensino na sua Comunidade local, em termos de tempo gasto, recursos investidos e preparação adequada dos professores da Escola Dominical ou de outros obreiros?

O modo de planejar uma igreja de dons ministérios

Romanos 12:9-21

Actos 3:1-10

Actos 2:42-44; 6:1-7

João 4:31-36; 6:1-15; 13:1-19

Introdução

Vamos dar prosseguimento ao nosso estudo sobre o programa Dons e Ministérios. A nossa atenção vai estar agora concentrada num sub tema que pretende abordar o modo de planejar um projecto de Igreja atenta à manifestação de dons e de ministérios.

A organização da Igreja em Dons e Ministérios precisa de estar baseada em cinco colunas:

- no serviço dos seus membros, aos quais devem ser dadas oportunidades de expressar os seus dons;
- na partilha de bens, de dons de amor;
- na relação entre a administração, os ministérios e a missão;
- na identidade com o Reino de Deus, modelo insubstituível;
- nas acções, definidas a partir das exigências de cada situação e da disponibilidade de cada interveniente.

Planejar um projecto de igreja de dons ministérios

Nesta lição concentraremos a nossa atenção no seguinte desafio: o modo de planejar um projecto ou programa de Igreja que quer despertar para os Dons e Ministérios.

É bom ressaltar que Dons e Ministérios não são, no fundo, um programa mas, sim, um modo de ser igreja, no contexto da experiência da Igreja Primitiva que a Bíblia nos apresenta. Para ilustrar, temos a seguinte experiência: "Um Pastor contou-nos que ao visitar uma das suas Igrejas, uma irmã procurou-

o com a seguinte inquietação: "Pastor, eu não sei qual é o meu dom, especialmente agora que a Igreja se está a organizar em Dons e Ministérios. O que farei?" O Pastor disse-lhe: "Irmã, é necessário que ore mais a Deus a fim de que Ele possa orientá-la na descoberta do seu dom." Ela respondeu: "Pastor, eu estou a orar ao Senhor com essa finalidade". O Pastor continuou, dizendo: "mas, a irmã precisa de orar mais" e acrescentou, em seguida: "e precisa de abrir os olhos para contemplar as necessidades que existem, ao seu redor."

Interessante a mensagem bíblica de Jesus aos discípulos registada no Capítulo 4 de João: *"...erguei os vossos olhos e vede os campos, pois já estão brancos para a ceifa..."*. Neste contexto, os dons dados por Deus surgem a partir das necessidades internas e externas e, conseqüentemente, visam o verdadeiro serviço. Para compreender a dinâmica de uma Igreja de Dons e Ministérios é necessário orar, e muito, mas, também, baseados na graça de Deus, precisamos de abrir os nossos olhos para os grandes desafios missionários da Igreja, na comunidade em que ela está inserida.

Ao elaborar uma proposta para uma Igreja que se orienta no sentido do Reino de Deus, precisamos de reflectir sobre alguns elementos importantíssimos que visam a organização em Dons e Ministérios numa Igreja com as nossas características. Por exemplo:

- Reafirmar o valor e a dinâmica do princípio sinodal da Igreja Evangélica Metodista a nível nacional e do princípio que se baseia nas decisões através dos plenários quer seja ao nível dos circuitos quer das igrejas locais. A missão de Deus é o alvo principal de um e dos outros. Há diversos detalhes e expedientes neste tipo de organização, mas, basicamente, ela procura cumprir esta missão.

- A igreja local deixará de ser vista como uma unidade institucional e, sim como uma "comunidade de fé". Neste sentido, irá revitalizar o sentido bíblico da Igreja, enquanto Comunidade de Fé e Serviço. Por isso, nós, Metodistas, enfatizamos: Igreja, Comunidade Missionária ao Serviço das Pessoas. Uma comunidade de fé, no seio da qual os actos maravilhosos do amor de Deus são compartilhados.

- Enfatizar o Sacerdócio Universal de todos os crentes. Isto significa dizer o seguinte: não podemos ter membros inactivos. Todos deverão ser activos, acolhendo os seus dons e exercendo o seu ministério, no contexto de uma Igreja que redescobre a beleza do Sacerdócio Universal de todos os crentes.

- Reafirmar o conceito de Igreja e missão contidos no Programa Geral da Igreja (PGI). Especialmente quando diz que somente a Missão justifica a vida e o ministério da Igreja. Tudo é missão. Portanto, todos os recursos existentes e à disposição da Igreja precisam de ser geradores da vida e missão.

- Reafirmar a unidade da Igreja que somos e o princípio metodista da conexão, elementos fundamentais para darem conteúdo à prática missionária da Igreja.

Desafios no planeamento em dons ministérios

Na nossa caminhada como Igreja de Dons e Ministérios apostamos em dois eixos fundamentais:

Desafio do Serviço

Planear no contexto de uma Comunidade de Dons e Ministérios somente tem sentido a partir do serviço. O ministério de Jesus Cristo é um exemplo que não deixa dúvidas. Confira os seguintes textos bíblicos: Mt 20:28; Mc 10:45; Lc 22:27, etc. Ainda nesta linha de pensamento, é bom sublinhar, dentro do espírito de serviço, a grande lição do "Lava-Pés", registada no Evangelho de João 13:1-20.

Jesus surpreende os seus discípulos com esta atitude a qual põe em relevo a atitude de servir os outros e, conseqüentemente, a dinâmica do serviço: *"...ora, se eu, sendo Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também, vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também..."* vs 14, 15. Nesta mesma via podemos destacar o testemunho da Igreja Primitiva que seguiu os passos de Jesus Cristo. A descida do Espírito Santo sobre a vida da comunidade foi geradora de dons e

ministérios e, portanto, de serviços concretos, a partir das necessidades daquela comunidade nascente. Vejamos Actos 2:42-47: *“eles perseveravam na doutrina; possuíam comunhão com Deus e o próximo; mantinham-se em oração; partilhavam recursos, dons, serviços”*. A experiência da Igreja Primitiva imprime marcas profundas de solidariedade, comunhão, compaixão e partilha.

Desafio da Partilha

Vivemos numa sociedade extremamente individualista. Cada pessoa quer viver a sua própria experiência. O importante nesta sociedade pós-moderna é o prazer individual: *“cada um no seu cantinho”*. Entretanto, a experiência da fé cristã lança-nos numa outra realidade: a partilha. Aqui, novamente, é bom lembrar o dia-a-dia da comunidade apostólica: os bens e o amor eram partilhados. O ensino do apóstolo Paulo é enriquecedor (II Co 8:1-14) ao ressaltar a oferta das igrejas da Macedónia para os pobres na Igreja da Judeia. Este episódio tem um conteúdo de partilha muito rico: todos têm a motivação da *“graça de tomar parte no serviço dos santos”*. Eles dão-se primeiramente a Deus; em seguida, atendem ao apelo dos apóstolos: exercem a misericórdia, com sinceridade e esvaziamento, em favor dos Irmãos necessitados. Uma lição muito interessante fica: *“os recursos eram postos à disposição da comunidade”*.

O princípio da partilha é fundamental na realidade de Israel. No Êxodo, onde o povo vive a fé em Yahweh (Deus) como libertador, o momento da alimentação e da partilha é oferecida como sinal de vida: *“Quem colheu pouco não teve falta; quem colheu muito não teve em excesso”* (Ex 16:18). Não deve haver Comunidades luxuosas e outras a viver na miséria. O princípio missionário da Igreja Primitiva supõe partilha e igualdade. Na partilha são priorizados os pobres e as suas situações de *“exposição à morte”*. Todas as situações que expõem as pessoas à morte (miséria, injustiça, prisão, doenças, fome e abatimento, etc.) são desafios para a Comunidade de fé e apelos para que esta exerça mais e melhor os seus dons e ministérios.

O modo de planear numa igreja de dons ministérios

A partir deste desafio, necessitamos de tornar efectiva a dinâmica de uma Igreja de Dons e Ministérios. Para tal, é necessário:

- Orar ao nosso Deus, Fonte de todo o bem e, conseqüentemente, deixar que os nossos olhos se abram a fim de que possamos reconhecer as necessidades que temos perante nós. As respostas às necessidades são o nosso ministério: Quais são as necessidades da sua igreja local e da sua comunidade?

- Dentro de uma igreja local, as oportunidades de serviço precisam de ser democratizadas. Todos são importantes. Daí não poderem estar concentradas nas mãos de um pequeno grupo. A nossa Igreja precisa de ser inclusiva, dentro dos parâmetros dos dons e ministérios. Na comunidade de fé, todos devem estar preparados para os receber e exercer, sem excepção!

- A igreja local é o berço de dons e ministérios. Não há ministérios exercidos autonomamente. Todos eles precisam de estar interligados no Corpo de Cristo, que é a Igreja. Sob o pulsar do Espírito Santo, dons e ministérios estão ao serviço da Missão.

- O trabalho de planificar o projecto de uma Igreja de Dons e Ministérios deverá ter em conta uma certa dose de flexibilidade e de criatividade, preservando a unidade da Igreja e as suas características e tornando mais eficaz o testemunho da fé evangélica.

Conclusão

A presente lição desafia a sua classe ou grupo de reflexão a buscar caminhos dentro de uma Igreja de Dons e Ministérios, em especial, abrindo portas, rasgando caminhos para o pleno cumprimento do serviço, da partilha, da solidariedade. Isto é possível. Há muitas pessoas famintas do pão do Céu assim como do pão material, de cada dia. A nossa tradição metodista apresenta uma visão integral do ser humano.

Assim, somos desafiados a praticar não só actos de piedade e de fé como também actos de misericórdia e de solidariedade.

Questões para reflectir

1. Por que é que os desafios do serviço e da partilha são tão importantes no planeamento do tipo de Comunidade apresentada?

2. Elabore uma lista de exemplos de situações onde a sua igreja tem testemunhado o serviço e a partilha.

3. Como é que a sua igreja local se pode envolver, com entusiasmo, num projecto como o de Igreja de Dons e Ministérios?

Igreja, comunidade de fé: Identidade e acções

Mateus 9:35-38; 6:25-33

Êxodo 6:2-13

Mateus 18:1-5

Lucas 4:16-21

João 17:17-23

Efésios 1:22-23

Introdução

A Igreja Evangélica Metodista, reunida em Sínodo - em Valdozende, no ano de 2003 - tomou uma decisão extremamente importante do ponto de vista missionário: ser uma Igreja atenta aos Dons e Ministérios que Deus quer fazer despertar no seu seio, através da acção do Espírito Santo, criando uma dinâmica de trabalho onde todos os seus membros colocam os dons recebidos ao serviço da Missão. Este é um grande desafio para o povo metodista que, em terras portuguesas, tem como objectivo unir, consolidar e avançar nesta prática ministerial. Não há lugar para a passividade no Corpo de Cristo. Todos, e todas, são importantes e, assim, serão continuamente desafiados a tomarem posição, de uma forma positiva e decisiva, neste projecto de ser Igreja que aponta para uma novidade de vida através do despertar de dons e ministérios entre os seus membros.

A lição passada sublinhou, exactamente, que uma Igreja ao planear a sua estratégia de acção, deverá ter em conta o princípio do serviço e o princípio da partilha. Jesus Cristo é o maior exemplo desta prática. A sua vida foi totalmente consumida ao serviço do Reino de Deus. Ele teve a oportunidade de ensinar isso aos seus discípulos, dizendo:

"...a minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra..."(Jo 4:34).

Nesta lição, vamos dar prosseguimento ao nosso estudo enfatizando que, dentro desta Comunidade de fé, dois elementos são essenciais: identidade e acções.

Identidade

Chamamos a atenção para a seguinte verdade: “a prática da comunidade de fé tem um modelo insubstituível: o Reino de Deus.” Isto implica dizer muitas coisas importantes; tendo como alvo o exercício da prática de uma nova maneira de ser Igreja, tendo como base os Dons e os Ministérios:

- Jesus, ao iniciar o seu ministério terreno, não chamou a atenção para a sua própria pessoa mas, sim, para o Reino de Deus. Em Marcos 1:14-15: “...depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: o tempo está cumprido e o Reino de Deus está próximo, arrependei-vos e crede no evangelho...” o compromisso de Jesus era com o evangelho do Reino. Ainda neste sentido, Jesus disse, no Sermão do Monte: “...buscai, pois, em primeiro lugar o reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas...” (Mateus 6:33). A base do ministério de Jesus foi o Reino de Deus.

- O propósito de Deus é reconciliar consigo mesmo o ser humano libertando-o de todas as coisas que o escravizam, concedendo-lhe uma nova vida à imagem de Jesus Cristo, através da acção poderosa do Espírito Santo, a fim de que, em Igreja, se constitua neste mundo, neste momento histórico, sinal do Reino de Deus.

- A verdade contida nesta afirmação é que a identidade da Comunidade de fé não está na Igreja, como instituição religiosa, não está no seu tipo de organização, nem nos seus diversos ministérios, mas está centrada, sobretudo, na realidade do Reino de Deus. O Reino de Deus constitui o referencial de toda a programação da vida e da missão da Igreja. Igualmente, o Reino de Deus passa a ser o nosso referencial crítico tanto nas nossas acções como a todos os níveis da nossa vida. Na verdade, a questão tem que ser sempre a seguinte: estamos nós comprometidos com o

projecto missionário do Reino de Deus? Ao realizar esse projecto, existe em nós coerência entre o falar e o agir?

- A comunidade de fé, comprometida com o Reino de Deus, desenvolve o seu ministério em termos de actos de piedade (espiritualidade) e de obras de misericórdia, a partir das necessidades das pessoas a atingir. Jesus começou o seu ministério proclamando: *"...o Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração de vista aos cegos; para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor..."* (Lc 4:18-19). Aqui está a plataforma do ministério de Jesus Cristo. Esta precisa ser, também, a plataforma ministerial da Igreja.

- Na prática dos Dons e Ministérios e, conseqüentemente, no ponto de vista da sua organização, precisa de se ter em mente que a Igreja Evangélica Metodista é uma Igreja que procura uma interligação entre as suas diferentes Comunidades e vive dela. A Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, como um todo, tem uma experiência histórica de articulação da sua fé através de um dinamismo relacional entre as suas partes, as Comunidades locais.

Dos elementos fundamentais da unidade metodista, de entre a riqueza Wesleyana, destacamos:

"...o metodismo afirma que o sistema relacional é característica fundamental básica para a sua existência, tanto como movimento espiritual, quanto como instituição eclesiástica (Ef 1:22-23). Deus deu-lhe esta forma de articulação unificadora para cumprir a vocação histórica de: "reformatar a nação, particularmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica sobre toda a terra (João Wesley)".

Assim, o espírito relacional dos metodistas não se acaba nem na Igreja Evangélica Metodista, nem na prática solidária entre as Igrejas, mas abre-se a fim de apoiar grupos que lutam: por uma qualidade de vida; pela preservação da criação, com preocupações por questões ambientais; contra todas as formas de discriminação, como o racismo e a xenofobia; pela defesa dos direitos da criança e do adolescente, dos direitos dos trabalhadores, etc. Assim, o

espírito de interligação dos metodistas é dinamizador da proposta missionária da Igreja “dentro das quatro paredes da Igreja” e “fora da Comunidade de fé”, ou, no dizer de Wesley, espalhando a santidade bíblica sobre toda a terra.

Acções

As acções (práticas) são de extrema importância no conjunto de uma Igreja que pretende ter este tipo de orientação. As nossas acções precisam, evidentemente, de passar pelo referencial crítico do Reino de Deus. O modelo de uma Igreja de “Dons e Ministérios” é o da prática de Jesus Cristo. As suas acções sempre promoveram a vida humana e, ainda, a dignidade da vida, em todos os seus aspectos. Há muitos recursos hoje, que poderão ajudar a igreja a desenvolver um projecto corajoso, competente e eficiente. A metodologia a usar nas nossas acções será denominada de: “Organização por projectos” sendo que em cada projecto se irá apresentar o desafio missionário a ser enfrentado pela igreja local, a partir da descoberta das necessidades da comunidade ou da “agenda dada pela realidade externa”.

Para atingir esse objectivo, devemos seguir os passos abaixo apresentados, como exercício metodológico:

- tomar conhecimento dos desafios missionários que o Reino de Deus apresenta à Igreja, à luz da Bíblia e dos documentos da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa;
- tomar conhecimento das necessidades do agrupamento humano que cerca a igreja (aldeia, vila ou cidade), inclusive aqueles que são excluídos pela sua situação na comunidade;
- esquematizar, com base nessas necessidades, os serviços que pode realizar, aproveitando os dons e recursos que possui, tanto humanos como materiais;
- avaliar o seu potencial, identificando os recursos disponíveis ou que possam ser conseguidos (pessoas, bens, materiais, finanças), a partir de si ou com os demais segmentos da Igreja (ponto de vista relacional) e a

comunidade ao redor, inclusive com grupos, já existentes, cujo interesse pela defesa da vida sejam condizentes com a proposta do Evangelho;

- escolher e dar prioridade aos potenciais ministérios, de acordo com os recursos disponíveis;

- Organizar a comunidade internamente, de acordo com os ministérios a serem executados. A vida da comunidade em torno da Palavra, da oração, do culto (e da Ceia do Senhor), da solidariedade e do crescimento mútuos, é parte importante daquilo a que podemos chamar de Comunidade Ministerial ou seja, comunidade voltada para o serviço de Deus, da Igreja e do mundo.

- Promover o ensino aprofundado das Sagradas Escrituras e o conhecimento da orientação da Igreja, em termos de regras e disciplina, de modo a que todos os participantes possam sentir-se unidos, mutuamente edificados, efectivamente companheiros na Missão. É necessário ter uma visão da disciplina eclesial, visando acolher o fraco, reconciliar o transgressor, perdoar o ofensor, curar o doente, levantar o caído;

- Como comunidade do Espírito, a Igreja não está limitada pela letra de programas, mas por projectos de missão. A Igreja deve viver e organizar-se através de projectos missionários...

Conclusão

A Igreja, Comunidade de fé, identidade e acções, é, na realidade, uma comunidade que precisa de ser portadora da novidade do Reino de Deus. Deste modo, a Igreja precisa de proclamar: "O Reino de Deus chegou, ele está dentro e fora de nós". A nossa Igreja, em particular, nos caminhos do relacionamento e da partilha, é desafiada a promover acções missionárias que possam ser um sinal da beleza do Reino de Deus em termos de paz, justiça e solidariedade. Para isso, ela precisa de se organizar em torno de um projecto corajoso, que estabeleça alvos e prioridades. Finalmente, esta organização deve ter como objectivo: "sustentar-se, tanto

na afirmação da fé em Cristo e na vitória do seu Reino de paz e justiça, como no testemunho por palavras e atitudes concretas e por opção pela vida..."

Questões para reflectir

1. O que significa para si a afirmação: "O compromisso de Jesus era com o Evangelho, na perspectiva do Reino de Deus"?

2. De que maneira a sua Igreja pode ter uma atitude mais relacional, a partir das necessidades identificadas na igreja local, na comunidade metodista a nível do Circuito e a nível nacional, bem como a partir dos desafios da comunidade em geral?

3. Quais são os critérios e o(s) método(s) que a sua igreja local utiliza, tendo como objectivo a programação dos diferentes ministérios, a partir da sua visão de como deve ser uma Comunidade de fé e serviço?

Notas pessoais

